

O povo indígena Aikewára e a Guerrilha do Araguaia: mediação, apropriação e resistência nas fronteiras de identidades¹

Ivânia dos Santos Neves²

Maurício Neves Corrêa³

UNAMA – Universidade da Amazônia, Belém, PA

Resumo:

A Guerrilha do Araguaia é uma das páginas mais difusas da história da última Ditadura Militar no Brasil. Ainda hoje não ficaram esclarecidos os acontecimentos que envolveram militares, guerrilheiros e o povo indígena Aikewára. Os índios Aikewára contam sua própria versão sobre o episódio, mas uma revista de circulação nacional publicou uma matéria que os responsabiliza pelas ações de violência em relação aos guerrilheiros. Este artigo vai analisar, fundamentado na Análise do Discurso e nas discussões dos Estudos Culturais a matéria “O Segredo dos índios: revelações sobre a Guerrilha do Araguaia” da revista GQ de abril de 2011 e a posição dos Aikewára, a partir de seus depoimentos durante a realização de um projeto educacional realizado entre eles em 2010, relacionado às novas tecnologias da comunicação, que tinha por objetivo traduzir a tradição destes índios para suportes digitais.

Palavras-Chaves: Sociedades indígenas- mediações - Guerrilha do Araguaia

Vivenciamos no último quarto de século o avanço de expressões poderosas de identidade coletiva que desafiam a globalização e o cosmopolitismo em função da singularidade cultural e do controle das pessoas sobre suas próprias vidas e ambientes. Essas expressões encerram acepções múltiplas, são altamente diversificadas e seguem os contornos pertinentes a cada cultura, bem como às fontes históricas da formação de cada identidade.

Manuel Castells

Ainda que existam sociedades isoladas dentro da Amazônia, no Brasil, a maioria dos povos indígenas mantém relações efetivas com a sociedade envolvente. Já estabelecem, portanto, uma fronteira cultural com as instituições ocidentais (igreja, escola, televisão, rádio, secretarias públicas, ONGs, entre outras). Nascidas dentro deste cenário, grande parte das crianças indígenas se constitui nestas fronteiras. Todas as iniciativas voltadas para estas sociedades de fronteiras devem considerar a constante negociação de culturas em que vivem.

¹ Trabalho apresentado no I Seminário Regional da ALAIC - Bacia Amazônica

² Coordenadora do Programa de Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia – UNAMA

³ Aluno do Programa de Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura – UNAMA/ 2011

Não cabem mais em uma única e estanque identidade e muito provavelmente nunca couberam. O discurso que prevalece sobre o isolamento pré-colombiano é apenas mais uma invenção ocidental, pois sempre houve interação entre as sociedades indígenas, através de rituais religiosos, festas, guerras etc.

Hoje, estes povos nativos da América são índios, mas são brasileiros, são estudantes, muitos estão imersos em práticas religiosas cristãs, são consumidores, telespectadores e já começam a ser usuários de internet. Acreditar que depois de contactadas estas sociedades não se atravessariam pelas culturas ocidentais é no mínimo ingênuo.

Figura 01 - Terra Indígena Sororó – crianças Aikewára comemoram vitória do Brasil na Copa de 2010



Foto: Ivânia Neves

O início do contato entre as sociedades indígenas e as instituições ocidentais resultou na morte de milhares de indígenas, quer fosse por processos de violência, ou por questões de saúde, ele representou quase sempre uma grande desestruturação política e cultural. Atualmente, somado a estes fatores, é imperativo se considera o poder da mídia. A chegada do rádio, da televisão e da internet também pode reforçar ainda mais este processo de desestruturação. Este contato, no entanto, uma vez realizado estabelece uma nova e irreversível ordem para estas sociedades.

Este artigo vai tratar mais especificamente dos processos de mediação que envolveram o povo indígena Aikewára nos últimos anos: a Guerrilha do Araguaia, as ações do projeto “Crianças Suruí-Aikewára: entre a tradição e as novas tecnologias na escola”, financiado pelo Criança Esperança da Rede Globo e a publicação da matéria “O Segredo dos índios: revelações sobre a Guerrilha do Araguaia” da revista GQ de abril de 2011. A partir da Análise do Discurso e das discussões dos Estudos Culturais, pretende-se mostrar algumas nuances das tensões discursivas que constituem as fronteiras culturais em que vive atualmente esta sociedade indígena.

“Mas afinal, o que é um terrorista?”

A comunicação se tornou para nós questão de mediações mais do que meios, questão de cultura e, portanto, não só de conhecimentos, mas de re-conhecimento. Um reconhecimento que foi, de início, operação de deslocamento metodológico para re-ver o processo inteiro da comunicação a partir de seu outro lado, o da recepção, o das resistências que aí têm seu lugar, o da apropriação a partir de seus usos.

Martín-Barbero

Na sala de Arihêra Suruí, entre cocares e flechas, existe um aparelho de televisão, bem como um conjunto de sofás, uma estante e uma geladeira. Numa primeira vista neste lugar, percebemos as hibridizações culturais do povo indígena Aikewára, que vive na Terra Indígena Sororó, no sudeste do Pará, entre São Domingos e São Geraldo do Araguaia.

Arihêra faz parte do grupo pequeno grupo que resistiu à forte depopulação causada pelo contato sistemático com a sociedade envolvente, quando ela era ainda bem jovem, no final dos anos de 1960. Casada com Umassú Suruí e mãe de 04 filhos, ela hoje é uma das principais lideranças de seu povo. Talvez a pessoa mais autorizada para falar sobre a cultura Aikewára. Foi graças a ela que a rede e outros objetos tradicionais tradicionais não desapareceram. Arihêra é também a grande cozinheira da aldeia e em sua casa a comida tradicional nunca deixou de ser servida. Dona de uma habilidade performativa privilegiada, sem dúvida, é uma das principais contadoras das histórias Aikewára.

Durante a realização do projeto “Crianças Suruí-Aikewára: entre a tradição e as novas tecnologias na escola, tivemos a oportunidade de dividir com ela alguns preciosos momentos de convivência. Foi em sua casa que a equipe do projeto ficou hospedada desde a primeira viagem a Sororó.

Certo dia, passava em sua TV o Jornal Nacional. Uma notícia sobre os ataques terroristas no Oriente – Médio chamou atenção de Arihêra, que nos perguntou “o que é um terrorista?”. Logo sem seguida, explicou que a palavra “terrorista” já havia sido diversas vezes pronunciada em sua aldeia pelo Exército brasileiro. “Eles vinham e mandavam a gente procurar outros kamará (não-índios) no meio do mato. Diziam que eram terroristas. Por que eles faziam isso?” indagava ela.

Em sua fala, reporta-se aos conflitos da Guerrilha do Araguaia (1967-1975). Os guerrilheiros se refugiaram muito próximo à aldeia dos Aikewára e em função de seus

conhecimentos sobre os caminhos da floresta, eles foram “convocados” pelos soldados a guiarem as tropas em meio à mata, na perseguição aos guerrilheiros.

A reportagem seguia, e Arihêra continha suas perguntas para prestar mais atenção na TV. A fronteira à que esta sociedade está exposta fica bastante evidenciada tanto na fala, quanto na casa de Arihêra. A história recente deste povo está intimamente ligada às mediações entre eles e a sociedade envolvente. A mídia assumiu um papel bastante significativo neste processo.

Como o próprio nome parece indicar, as mídias desempenham o papel de mediação entre seus leitores e a realidade. O que os textos da mídia oferecem não é a realidade, mas uma construção que permite ao leitor produzir formas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta. (GREGOLIN: 2003,97).

Para entender melhor a relação dos Aikewára com as mídias é preciso olhar um pouco de sua história recente. Como no caso da Guerrilha do Araguaia, a mídia faz circular discursos e remexer e atualizar memórias. E como Gregolin afirma, o papel de mediação da mídia entre as representações simbólicas e o leitor interfere na sua relação com a realidade. No caso dos Aikewára não é diferente.

Fronteiras Aikewára

Os Aikewára, embora briguem na justiça para serem reconhecidos por sua autodenominação, ficaram registrados na literatura antropológica com a denominação que lhes foi imposta: Suruí do Pará ou Suruí-Aikewára. Eles são índios castanheiros que moram no sudeste do Pará entre os municípios de São Domingos e São Geraldo do Araguaia. Este povo tupi vive na Terra Indígena Sororó, um grande quadrado de floresta preservado em meio à devastação. Em meados dos anos de 1960 os Aikewára sofreram uma grande depopulação após o contato sistemático com a população das cidades vizinhas e chegaram a 33 índios. Alguns antropólogos anunciaram o fim deste povo.

Apesar de duramente perseguidos por fazendeiros e madeireiros da região, além de surtos de gripe e varíola, os Aikewára resistiram. Neste processo, no entanto, houve muita interferência por parte dos não-índios, que procuraram alterar suas práticas religiosas, sua alimentação, suas regras matrimoniais etc. Este momento mudou definitivamente o rumo da história e da cultura desta sociedade indígena. Segundo o último senso da Aldeia, os Aikewára somam mais de 300 índios, sendo que a maioria são crianças e jovens.

Muitas sociedades indígenas vivem nas fronteiras culturais e históricas do Ocidente. A forma como reagem a este contato muitas vezes gera uma série de dificuldade com suas próprias tradições. Nestas fronteiras, a negociação com futuro às vezes toma proporções dramáticas, pois produz uma sensação de não pertencimento, isto é, não pertencem nem a uma sociedade indígena, nem conseguem inserção no mundo ocidental. (NEVES: 2009: p 141)

Esta fronteira se manifesta simbolicamente com mais evidência entre os Aikewára mais jovens. A língua em que eles mais se comunicam é o português, poucos deles são fluentes em Tupi, a língua materna Aikewára. Certas práticas sociais estavam muito comprometidas com as influências das relações da fronteira. Um bom exemplo é o grafismo indígena. Na terra Sororó, durante muito tempo, o grafismo foi renegado por boa parte deles e quase desapareceu. Muitos índios mais jovens preferiam se vestir com roupas bonitas a aparecerem pintados com o grafismo. De certa forma, o contato sistemático gerou uma crise de identidade entre os Aikewára. Hall esclarece:

A identidade torna-se uma “celebração móvel”, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (...) à medida que os sistemas de significação se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiantes de identidades possíveis (1999, p.13).

O diálogo entre os mais velhos e os mais novos foi bastante afetado pela chegada das instituições ocidentais. Durante a realização das oficinas do projeto, uma de nossas maiores dificuldades aconteceu quando fomos filmar as narrativas orais, contadas por Mihó, o Pajé dos Aikewára, hoje com uma idade bem avançada. A princípio ele e as crianças seriam filmados, o que não deu certo, porque as crianças não conseguiram se concentrar nas cenas. Elas tem muita dificuldade de compreender, muitas sequer entendem o que ele fala, pois o padrão linguístico de que o pajé se utiliza é muito distante da língua falada pelas crianças.

Podia parecer aos jovens Aikewára muito mais atraente assistir a um filme na TV, do que o velho pajé falar em Tupi pouco compreensível a eles, antigas histórias de seu povo. Como a cultura tradicional não podia competir com as novas tecnologias, durante a produção do material audiovisual do projeto, foi preciso que a cultura Aikewára se deslocasse e fosse lutar no terreno adversário. Para Martín-Barbero (2004, 192):

As tecnologias não são meras ferramentas dóceis e transparentes e não se deixam usar de qualquer modo, são em última instância a realização de uma cultura, e dominação das relações culturais. Mas o redesenho é possível, se não como estratégia, ao menos como tática, no sentido que lhe dá M. de Certeau: o modo de luta daquele que não pode se retirar para o seu lugar e vê-se obrigado a lutar no terreno do adversário.

Como já dito, a mídia ocupa um papel muito importante na história recente Aikewára. No ano de 2010, aconteceu na terra Sororó o projeto “Crianças Suruí-Aikewára: entre a tradição e as novas tecnologias na escola”, financiado pelo Criança Esperança da Rede Globo. O projeto tinha como objetivo conciliar a tradição da Aikewára com as novas tecnologias, com o intuito de criar um material didático diferenciado para escola Aikewára.

Havia um grande problema em relação ao Audiovisual na terra Sororó: praticamente todas as casas possuem televisão, porém, antes do projeto, quase nada da cultura Aikewára tinha sido transportado para esta mídia. Esta ausência, somada a outros fatores oriundos com contato com a sociedade envolvente, estava causando um problema de diálogo entre gerações além de uma crise de identidade cultural. Muitas crianças estavam perdendo a vontade de ser índio, já encontravam dificuldade com a língua tupi. Alguns possuíam dois nomes, um indígena e outro “kamará”, expressão que eles usam para designar os não-índios. Assim as meninas Teassu e Taraí, são chamadas de Léia e Talita respectivamente. (CORRÊA 2010: 6)

Quando os filmes do projeto e a rede Globo produziram materiais em que os Aikewára puderam se reconhecer na TV, o efeito foi extremamente positivo. Houve uma verdadeira remexida na cultura daquela sociedade. Depois de se virem, os Aikewára mais novos exibiram muita vontade valorizar mais sua cultura. Isto foi uma ação afirmativa de sua própria cultura. Segundo Martín-Barbero (2004:19):

A apropriação, ao contrário, se define pelo direito e capacidade de fazer os nossos modelos e as teorias, venham de onde venham, geográfica e ideologicamente. Isso implica não só a tarefa de ligar, mas também a mais arriscada e fecunda de redesenhar os modelos para que caibam nossas diferentes realidades, com a conseqüente e inapelável necessidade de fazer leituras oblíquas desses modelos, leituras “fora de lugar”, a partir de um lugar diferente, a partir de um lugar diferente daquele no qual foram escritos.

Na medida em que os índios se apropriam de recursos tecnológicos para fortalecer sua cultura, redesenham modelos de diálogo entre seu próprio povo e entre a sociedade evolvente. De certo modo, guardadas as devidas proporções, esta negociação fica mais justa. Para as crianças, a presença de Mihó nas telinhas reconfigurava a relação que estabeleciam com ele: independente da língua, naquele espaço midiático, todos falavam de uma mesma posição. Mihó passou a lhes representar como povo, a marcar a identidade Aikewára. Mesmo sem compreender totalmente o que o pajé falava, a língua Aikewára lhes diferenciava neste caldeirão de identidades midiático.

A mídia que antes interferia de forma a mudar os hábitos da cultura tradicional deste povo, agora faz exatamente o oposto, com a apropriação deles por ela. A cultura Aikewára é

valorizada com o surgir do “cinema” ou da “TV Aikewára”. A tradição indígena hibridizada com as novas tecnologias faz com que a cultura tradicional conquiste novos espaços em outros meios de representações. Para Gregolin (2007, 11):

Seria redutor entender que há apenas passividade diante do agenciamento coletivo da subjetividade; pelo contrário, há pontos de fuga, de resistência, de singularização. Não há, nos discursos da mídia, apenas reprodução de modelos – ela também os reconstrói, reformata, propõe novas identidades.

O grafismo Aikewára, que antes do projeto encontrava certa resistência de alguns deles, após as filmagens, foi eleito por eles como uma de suas principais expressões culturais. Agora, preferem aparecer nas filmagens pintados com seus mais belos grafismos. Ficou claro para eles que trocar as roupas ocidentais pelo grafismo lhes diferencia como um povo da floresta e afirma sua identidade Aikewára, marcando uma posição social.

O índio Umassú Suruí, marido de Arihêra conta que o projeto chegou na hora certa, segundo ele as crianças não queriam mais ser índio, mas quando se viram na tela, alguma coisa mudou. “Isso foi bom, porque valorizou nossa cultura”, conta Umassú.

Para Arihêra, as filmagens foram muito importantes para o seu povo, ela fala que suas histórias vão ficar registradas para as próximas gerações. “Se eu morrer, os netos de meus netos vão poder saber da nossa cultura, por isso é que eu gosto dos filmes”. Ela lamenta que não tenha registros de vídeo dos tempos antigos. Assim os mais novos não puderam ver e ouvir o que falam os índios de outros tempos.

O outro lado da moeda: a revista GQ e os Aikewára

Um dos momentos mais marcantes da história recente Aikewára, foi o envolvimento deles na Guerrilha do Araguaia. Este assunto é muito comentado entre eles. Há na Terra Sororó uma grande curiosidade em saber a “versão Kamará” sobre o que foi a Guerrilha. Este é o motivo da reportagem do Jornal Nacional chamar tanto a atenção de Arihêra. A Guerrilha do Araguaia foi, segundo Nascimento (2000,p.16):

Movimento político radical, ocorrido na região Sul e Sudeste do estado do Pará, limitando-se com o norte do estado de Tocantins (à época estado de Goiás) e oeste do estado do Maranhão. Na parte relativa à divisa do Pará com o estado do Tocantins essa região é conhecida como Bico do Papagaio. Aqui, militantes do PCdoB (Partido Comunista do Brasil) e as Forças Armadas, sob a liderança do Exército, entraram em combate pelo controle desta área estratégica, num ambiente político caracterizado pela prevalência de um Estado na sua modalidade ditatorial-militar (1964-1985).

Uma série de narrativas orais Aikewára conta a versão deles sobre o envolvimento Guerrilha. Umassú é um dos índios que foi intimado pelo exército para caçar os “terroristas”. Numa performance cheia de gestos fortes e onomatopeias, Umassú fala sobre seu primeiro contato com os soldados:

- Eu tava vindo do São Domingos, o padre tinha me mandado ir pegar roupas. Eu vinha no “girico” quando eu ouvi os tiros : TÁ TÁ TÁ!!!

- Desce do burro, terrorista! - ele falou pra mim.

Eu respondi que eu não era terrorista, que era índio e comecei a falar na minha língua. Ele me perguntou se era índio mesmo e depois onde eu morava. Eu respondi que morava lá em frente, aqui onde é a aldeia. Ele pediu desculpa e me mandou seguir.

- Olha toma cuidado que esse mato tá cheio de terrorista!- ele falou pra mim...”

Depois deste evento, Umassú conta que a presença dos soldados se tornou cada vez mais intensa na região. Para os Aikewára, tanto os militares como os guerrilheiros pertenciam a uma mesma sociedade, todos eram “kamará”. Nem Umassú, nem ninguém entre eles imaginava que eles fossem inimigos. Sem muitas dificuldades, eles levaram os militares até os guerrilheiros, que àquelas alturas eram pessoas com quem os Aikewára já mantinham relações de amizade. Umassú afirma: “A gente era amigo deles, trocávamos farinha por roupa e outras coisas. Não sabíamos que eles eram terroristas”.

Diante das primeiras atitudes de violência dos militares, os Aikewára, de acordo com seus relatos, não quiseram mais colaborar, mas os soldados lhes obrigaram, através da força bélica, a trabalhar para eles. Além de mostrar a posição onde estavam os guerrilheiros e eles alegam que eram obrigados a transportar seus cadáveres. Isto gerou traumas psicológicos profundos em muitos Aikewára, dois deles ficaram parcialmente surdos em função do barulho dos tiros.

Assim que os Guerrilheiros foram fuzilados pelos soldados, os índios entraram em pânico. Eles não entendiam por que os soldados estavam fazendo aquilo. “Eu pensava que eles eram amigos”, revela Umassú. Ele conta que seu cunhado, o índio Warini, até hoje tem pesadelos com estas cenas: “Depois disso ele nunca foi o mesmo, ficou meio maluco!”.

Na convivência com os Aikewára, podemos conhecer um pouco melhor Warini Suruí, cunhado de Umassú, irmão de Arihêra. Ele é um dos índios mais velhos, muito hábil com a cestaria tradicional. Entre os Aikewára, todos sabem das limitações de Warini, embora seja uma pessoa muito alegre. Como não domina a língua portuguesa, nossa comunicação com ele

era bem difícil. Nem os mais velhos conseguem entender as histórias que ele conta. Dizem que nunca se recuperou dos traumas da Guerrilha.

Pouco se sabe sobre essas histórias no “mundo Kamará”. A história oficial silenciou este importante episódio dos índios Aikewára nos eventos da Guerrilha do Araguaia. Ao passo que eles, até hoje, não entendem ao certo o que houve em suas terras, o porquê dos soldados matarem os guerrilheiros. Atualmente, os Aikewára pedem escuta a sua história, além de terem muita curiosidade de saber os motivos deste conflito.

Em março de 2011, foi lançado o primeiro exemplar da revista GQ Brasil. Uma das manchetes da capa traz o seguinte enunciado: “Exclusivo. Araguaia: Quem cortou a cabeça dos Guerrilheiros? GQ revela o mistério”. A reportagem, assinada pelo jornalista Lucas Figueiredo contém uma versão absolutamente tendenciosa e oportunista da participação dos Aikewára na Guerrilha do Araguaia. Segundo a publicação, os Aikewára cortaram as cabeças dos guerrilheiros, com o objetivo de conseguir alguns benefícios da Ditadura Militar.

A matéria especial da revista chega a afirmar que os Aikewára foram “transformados em máquinas de caçar, matar e cortar cabaças de homens e mulheres”. Segundo a revista, depois dos conflitos da Guerrilha, a terra Sororó seria um Oasis de tranquilidade, numa região marcada por conflitos e a vida dos índios melhorou bastante em função da proteção dos militares.

Desde o início, a posição da revista é bastante tendenciosa e procura provar que os Aikewára são violentos. Ele afirma:

A nova geração se empenha em evitar que os mais velhos assumam ter cometido atos de violência “Os velhinhos são muito inocentes. Nós que somos novos, respondemos por eles”, afirma Ikatu, que grudaria em mim nos dois dias seguintes. (GQ, abril de 2010)

O jornalista sinaliza para uma suposta interdição nas falas dos mais velhos, mas no processo de construção deste enunciado, ele afirma que os Aikewára cometeram atos violentos. Com base em que evidências ele faz esta afirmação? Só a partir da preocupação dos índios? Ou ele parte da premissa de que os índios são violentos?

Na reportagem, uma de suas principais fontes é justamente Warini, cunhado de Umassú, que desde a Guerrilha não ficou mais normal. O jornalista afirma que conversou com

Warini e que ele falou “Levaram índio para mata dizendo que era para caçar macaco. Mentira! Era para caçar terrorista!”. Esta narrativa de Warini é bastante improvável.

Toda a argumentação do jornalista está pautada na violência dos Aikewára. Ele silencia totalmente a truculência da ditadura militar. Dá até a impressão de que foram os Aikewára que criaram o Ato Institucional n. 05. Ou quem sabe, deliberadamente os Aikewára resolveram perseguir os guerrilheiros. Mais adiante, para reforçar o lugar de onde provavelmente ele fala, faz seguinte referência:

Na mensagem o coronel Madruga faz uma afirmação grave: “O único caso de cabeça cortada, duas, de que tenho conhecimento, foi protagonizado pelos índios Suruí já mais para o final da operação marajoara (...) Madruga diz também que o caso ficou “restrito” e que ele mesmo desconhece os detalhes. (...) O corte da cabeça de guerrilheiros causou constrangimento na maioria dos militares. Mas índio é índio, escreveu o coronel. (GQ, abril de 2011, p. 160-161)

Coronel do DOI é coronel do DOI! De que lugar fala este jornalista que comprova a violência dos Aikewára na Guerrilha do Araguaia a partir das afirmações de um coronel do DOI? Será que as tropas do exército estavam lá para fazer uma matéria sobre os Aikewára? Quem dava as ordens? Quando ele seleciona o enunciado “Índio é índio”, será que ele ignora o efeito que causa no leitor? Não sem propósito, ele não analisa as intenções do coronel, como fez em relação ao suposto comportamento dos Aikewára mais novos. Talvez porque não acreditava que a revista fosse chegar à aldeia. Talvez porque o lugar de onde ele fala seja muito bem marcado.

Dando escuta aos Aikewára, a versão muda. Ao ler a publicação, o estudante Tiapé Suruí, quase foi às lágrimas e disse: “A única cabeça que já foi cortada pelo meu povo foi a de um porção do mato. Nunca a gente faria isso com uma pessoa!” Tiapé deseja processar a revista em nome de seu povo. Mairá Suruí, o cacique compartilha da mesma opinião: “Ficamos muito tristes, todo povo ficou triste, é tudo mentira!”.

Desde 2003, quando começamos a trabalhar com os Aikewára, em vários momentos eles já falaram sobre a Guerrilha, mas nunca houve em nenhuma de suas narrativas menção alguma ao fato de cortarem cabeças. Segundo eles, além de serem incapazes de fazer este tipo coisa, pois são pacíficos, eram amigos dos guerrilheiros. Eles contam que o resultado dos conflitos foram traumas profundos na maioria dos índios que participaram destes eventos.

Outro ponto duvidoso é o benefício por participar da perseguição aos guerrilheiros. Chicão Suruí conta que a demarcação de suas terras foi muito injusta, pois Sororó é uma das menores terras indígenas do Brasil e uma parte da floresta todo ano pega fogo por causa da rodovia federal que passa por ela. Os Aikewára agradecem a demarcação à ação de um padre da Igreja Católica e de alguns antropólogos e os militares nada tem a ver com este processo.

Em setembro de 2010, uma queimada devastou boa parte da Terra Sororó: “Eu perdi todos os meus castanhais e essa revista vem dizer que a nossa casa é um Oasis!” afirma aborrecido Mairá Suruí. A castanha é a principal fonte de renda dos Aikewára, a perda dos castanhais gerou um sério problema econômico. Segundo Michael Pollak :

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "memória oficial", no caso a memória nacional. Num primeiro momento, essa abordagem faz da empatia com os grupos dominados estudados uma regra metodológica e reabilita a periferia e a marginalidade (1989. P.3)

Os Aikewára, quando ganham escuta, podem responder através de suas narrativas orais à revista. As memórias subterrâneas representadas nestas histórias entram em contraponto a uma espécie de “memória oficial” do conflito, que insiste em inocentar os militares envolvidos no assassinato dos guerrilheiros. Num momento em que existe um apelo social para que os corpos desaparecidos sejam encontrados e para que os culpados respondam pelos crimes, é no mínimo curiosa esta versão apresentada na revista.

Considerações finais

A mediação cultural é muito importante nos processos de comunicação social. A vida nas fronteiras de identidades se revela um grande desafio às tradições culturais, em um jogo de intensa negociação. Porém, é preciso notar, que se bem assessorada, a cultura tradicional resiste, numa hibridização, resultado da apropriação desta cultura pelas novidades tecnológicas e simbólicas que permeiam o mundo.

A mídia para o bem e para o mal é uma das principais peças deste jogo de negociação. Como bem mostra o caso dos Aikewára, a mídia ocupou papéis muito benéficos e outrora destrutivos. Se foi muito bom para a tradição Aikewára ver a rede Globo mostrando um pouco

de sua cultura no Jornal Nacional, durante muito tempo, suas novelas causavam o efeito reverso.

Da mesma forma a reportagem da revista GQ pode gerar novos conflitos entre os Aikewára e seus vizinhos Kamará, o fato de eles participarem de um projeto apoiado pelo Criança Esperança gerou uma imagem positiva deles nas cidades próximas.

De qualquer forma, seja pelas narrativas orais ou pelos filmes e textos que os Aikewára publicam na internet, eles encontram, hoje, uma forma de resistência às informações veiculadas na mídia, pois estão se apropriando dos recursos tecnológicos e das técnicas de comunicação. Os Aikewára iniciam um novo estágio nas negociações das fronteiras.

Referências

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da Modernidade.**3ª. Edição. São Paulo: Edusp, 2000.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** 2ª. Edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

_____. **Ofício de Cartógrafo:** travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2004

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

NEVES, Ivânia. Tese de doutorado: **A invenção do índio e as narrativas orais Tupi** / Ivânia dos Santos Neves. – Unicamp. Campinas, SP : [s.n.], 2009.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Análise do Discurso e mídia:** a reprodução das identidades. Revista Comunicação, Mídia e Consumo, São Paulo, Vol. 4, No11 (2007).

NASCIMENTO, Durbens Martins. **A Guerrilha do Araguaia:** "paulistas" e militares na Amazônia. 2000. 202 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento - PLADES, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, nº 3, 1989.

CORRÊA, Maurício. **Projeto apoiado pelo Criança Esperança.** Belém: aikewara.blogspot.com : 2010. <http://aikewara.blogspot.com/2010/05/projeto-apoiado-pelo-crianca-esperanca.html> - em 16/06/2010 às 10h.

_____ **Os Aikewára no YouTube: o mundo digital e ações afirmativas.** Recife: 2010
<http://www.ufpe.br/nehte/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2010/Mauricio-Neves-Correa.pdf> em
[13/12/2010](#) às 13h